

Gaudêncio Frigotto: um filósofo da práxis brasileiro

Gaudêncio Frigotto: a brazilian philosopher of praxis

Marise Ramos* 

“A filosofia da práxis não busca manter os ‘simples’ na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. (Antonio Gramsci, 2006, p. 103)

Ao tomar assento em uma sala de aula do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE/FGV) ou da Universidade Federal Fluminense (UFF); ou, ainda, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); seja em Educação, seja em Políticas Públicas e Formação Humana, um/a estudante pode ou não ser incumbido/a de ler um texto do autor da epígrafe. Mas dificilmente escapará de fazê-lo se o professor for Gaudêncio Frigotto.

A leitura levará o/a estudante a conhecer o pensamento do filósofo italiano; mas a convivência com o professor da sala de aula será uma experiência de testemunho e compreensão desse princípio da filosofia da práxis. Sim, pois o materialismo histórico, referência teórica de suas elaborações, não se limitaria, sob sua condução, a ser “logicamente afirmado como fato intelectual”, mas se manifestaria como resultante de sua “atividade real”, “implícita na sua ação” (Gramsci, 2006, p. 96) política e pedagógica, de quem pesquisa e ensina para transformar: “o conhecimento não é diletante” – assim aprendi com ele. E a teoria tem força material quando penetra nas massas (Marx, [1843], 2005, p. 151). O exercício da política como ato pedagógico e deste como ato político pode assegurar a relação entre filosofia “superior” e senso comum; superar as diferenças entre dirigentes e dirigidos. Essa sempre foi a conduta de Gaudêncio Frigotto nas interlocuções internas à Universidade, com os movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos, órgãos de governo, instituições

HOMENAGEM DE VIDA

<https://doi.org/10.12957/rep.2026.96303>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. E-mail: ramosmn@gmail.com.

Como citar: RAMOS, M. Um Filósofo da Práxis Brasileiro. Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, Rio de Janeiro, v. 24, n. 61, pp. 240-245, jan./abr. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2026.96303>

Recebido em 18 de novembro de 2025.

Aprovado para publicação em 25 de novembro de 2025.

Responsável pela aprovação final: Silene de Moraes Freire



© 2026 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

e sistemas de ensino, e múltiplos espaços onde se disputa a hegemonia visando contribuir para o momento ético-político da classe.

De onde vieram as lições? Ele mesmo, ao fazer seu inventário¹ remete à sua socialização primária como menino do campo, onde estão suas raízes até hoje identificadas nas lutas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A instituição escolar e a igreja – reconhecidas por Antonio Gramsci como as duas maiores organizações culturais em todos os países – marcam, segundo o próprio, sua travessia de filho de colono para um mundo intelectual, aprendendo como instituições totais, que restringem a liberdade podem ser, por contradição, libertadoras. Nelas, Gaudêncio teve acesso ao conhecimento sistematizado e, se o objetivo do “Seminário dos Frades Menores Capuchinhos”, onde permaneceu dos 12 aos 19 anos, era “transformar colonos em intelectuais teólogos”, forneceu-lhe instrumentos para, em contraste, tornar-se intelectual orgânico da classe trabalhadora.

Nosso professor vivenciou, no trânsito do meio rural para o urbano nos anos 1960 e no contexto da ditadura empresarial-militar, a organização do bloco cultural e social das lutas camponesas e operárias, prática à qual ele atribui à formação de sua consciência política. O aprimoramento intelectual formal veio com a Universidade, na graduação em Filosofia (1971) e Pedagogia (1973), na Fundação de Integração e Desenvolvimento do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Fidene, atual Unijuí-RS; aprofundado no mestrado em Educação no IESAE-FGV (1977) e no doutorado em Filosofia e História da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (1983).

A firmeza intelectual de Gaudêncio o permitiu ser orientado, no mestrado, pelo economista Cláudio de Moura Castro, de referencial político liberal e, metodologicamente, funcionalista positivista, sem que isso implicasse transigir sua base teórica. Tendo o Serviço Nacional de Aprendizagem – Senai como objeto de pesquisa frente à escola considerada convencional, estudou o que seriam os “efeitos cognitivos” da escolaridade. O resultado, em certa medida exposto no artigo *Fazendo pelas mãos a cabeça do trabalhador: o trabalho como elemento pedagógico na formação profissional* (Frigotto, 1983), é uma análise crítica à perspectiva funcionalista positivista da relação trabalho-educação com base na concepção histórico-social de ser humano e no sentido ontocriativo do trabalho.

Já do doutorado, sob a orientação de Dermeval Saviani, resultou uma de suas obras mais conhecidas: *A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame da relação entre educação e estrutura econômico-social capitalista* (Frigotto, 1984). Ao revisitar essa obra trinta anos depois² (Frigotto, 2015), ele explica ter buscado efetivar, mediante uma crítica epis-

1 Entrevista concedida à Maria Ciavatta (2012).

2 Texto apresentado no II Intercrítica – Intercâmbio de Grupos de Pesquisa em Trabalho e Educação organizado pelo GT 09 – Trabalho e Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), realizado na Universidade Federal do Pará (UFPA) no período de 26 a 28 de agosto de 2014.

temológica, filosófica e política, uma análise antagônica à visão economicista da educação e reducionista na concepção de ser humano sintetizada na ideologia de capital humano. Passado esse tempo, Gaudêncio reafirmou o materialismo histórico como ontologia e como método dialético de apreensão do real. À luz desse, analisou que, vistas na atualidade, as “relações sociais capitalistas adotam um caráter cada vez mais opaco, violento e regressivo, como resposta ao aprofundamento e à especificidade, que assumem a crise do capital” (Frigotto, 2015, p. 215).

O autor vê como um desdobramento de sua primeira obra clássica, o livro publicado vinte anos antes dessa revisita, *Educação e crise do capitalismo real* (Frigotto, 1995). Trata-se da tese apresentada ao concurso de professor titular à disciplina Economia Política da Educação, da Faculdade de Educação da UFF. Nessa Universidade, exerceu a docência por quase vinte anos (1984-2003), inclusive no Programa de Pós-Graduação em Educação, do qual foi coordenador e onde implantou o Doutorado. Ao longo de oito anos, conciliou com o vínculo docente no IESAE, extinto em 1990, até que se formasse a última turma da pós-graduação.

Gaudêncio tributa a criação dessa Instituição (1972) à ditadura empresarial-militar, que por contradição a fez como espaço para pessoas que não poderiam ser presas ou induzidas ao exílio. Nomes como Anísio Teixeira, Durmeval Trigueiro Mendes, Raymundo Muniz de Aragão, Atos da Silveira Ramos, dentre outros, figuram nessa história que, em parte, cruza-se com a dele. No discurso proferido na solenidade que lhe outorgou o título de Professor Emérito da UFF (2023), ele relata que, ao finalizar o mestrado, voltaria para Ijuí. Na Unijuí-RS, um ex-professor, Sotero Dotti, havia insistido que ele fizesse o concurso que o possibilitou iniciar sua carreira. Na outra, no Rio de Janeiro, onde cursou o mestrado, a professora Maria Julieta Costa Calazans o convidou para atuar num programa nacional de formação de professores para cursos de Engenharia Operacional. Veio, então, o doutorado, na PUC-SP e o retorno ao Rio. A transição campo-cidade nos anos 1960 se consolidava, nos 1980, na vivência em duas metrópoles do Sudeste.

Filósofo da práxis, Gaudêncio não se furtou a atuar na política científica nacional orientado pelo princípio ético-político do conhecimento interessado às necessidades sociais, como membro de comitês científicos da área de educação como CNPq, Capes e Faperj. Na fundação da Anped representou o mesmo compromisso no plano da sociedade civil. Internacionalmente, sua inserção foi orgânica: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso) e Comitê Acadêmico do *Instituto de Pensamiento y Cultura de America Latina* (Ipecal). Engajou-se em edições do Fórum Social Mundial. Na UFF, fundou, junto com uma das mais importantes companheiras de pesquisa, professora Maria Ciavatta, o Núcleo de Estudos e Documentação sobre Trabalho e educação (Neddate).

Em 1989, uma “loucura sábia”, como definiu Arlindo Fábio Gomez da Silva, juntamente com Luiz Fernando Ferreira, ambos vice-presidentes da Fundação Oswaldo Cruz,

com o próprio presidente, Sérgio Arouca, chamou três jovens militantes do Movimento da Reforma Sanitária, André Malhão, Bianca Antunes e Júlio Lima, a implantarem o Politécnico da Saúde como unidade da Fiocruz³. Era uma resposta à necessidade de formação de trabalhadores/as da saúde, debate intenso no contexto de redemocratização do país e da construção do Sistema Único de Saúde (SUS) instituído pela Constituição Federal de 1988. A “loucura sábia” se tornou “utopia em construção” – título do documento elaborado para discussão no Seminário Choque Teórico I – e realidade.

Realizado para enfrentar o desafio lançado por Arouca de desenvolver uma teoria de educação de trabalhadores da saúde frente ao processo de reordenamento da atenção à saúde, o Seminário contou com quatro intelectuais da educação – Dermeval Saviani, Mirian Jorge Warde, Nilda Alves e Zaia Brandão. Os pilares de um projeto de educação politécnica foram fincados e teoricamente sistematizados no texto *Sobre a concepção de politécnica*, de Saviani (1989). Os referidos jovens assumiram a coordenação do Curso Técnico de Segundo Grau em Saúde (1988), cuja aula inaugural foi proferida por Gaudêncio Frigotto, que também se tornou orientador de mestrado em Educação dessa ousada equipe – André e Bianca na UFF e Júlio Lima, no IESAE. Seu nome nunca mais deixou de se vincular ao da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJ-Fiocruz), citado como “orientador pedagógico” da instituição pela Revista Sala de Aula⁴. Nesta ele compõe a galeria dos “novos politécnicos” juntamente com seu orientador de doutorado, sua colega de turma nesse curso, Acácia Kuenzer, e a interlocutora nos estudos sobre o tema, Lucília Machado. Um grupo que, com outros/as companheiros/as do GT 9 – Trabalho e Educação da Anped, até hoje assegura no Brasil o rigor teórico e o compromisso ético-político para com a educação da classe trabalhadora.

Gaudêncio assessorou a implantação do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional em Saúde da Escola Politécnica (2008) onde foi docente convidado. Foi dele que, na inauguração do novo prédio (2004), o Presidente Luís Inácio Lula da Silva, acompanhado de Dona Marisa Letícia, ouviu a frase: “Presidente, quando o Brasil for a nação de fato que sonhamos, escolas como esta serão multiplicadas por milhares”. Continuamos lutando por isso.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro teve a felicidade de ter Gaudêncio Frigotto em seu quadro. Após um período como professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação, concursou-se para a disciplina Economia da Educação (2006) e participou da fundação do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação

3 Parte dessa história encontra-se em França, Barboza e Borges (2025).

4 Matéria “A palavra é ... Politecnia. Uma síntese de ciência, técnica e humanismo. Com ela, um grupo de educadores quer revolucionar o ensino no país”. Publicada na Revista Sala de Aula, Ano 2 – n. 13, ago. 1989: Essa tal de politécnica. Um quebra-cabeça para mexer o ensino no país. Publicada na seção “Clássicos”, da Revista Trabalho Necessário, v. 19, n. 39 (2021): A reforma do Ensino Médio na contramão da democracia.

Humana – PPFH (2005), da área Interdisciplinar. Graduados, Mestres e Doutores por ele formados nessa Universidade se somam àqueles que, tendo-o como professor ou orientador, guardam as marcas de sua consistência teórica e ético-política, além da conduta acolhedora, empática e generosa que o caracteriza.

Se a aposentadoria na UFF não o afastou da colega e amiga Maria Ciavatta, com quem coordenou alguns projetos de pesquisa, o mesmo aconteceu ao se aposentar – mas manter-se como pesquisador visitante – da Uerj. Há vinte anos Gaudêncio organizou, com Maria e esta que escreve, o atualmente denominado Grupo These – Projetos Integrados em Trabalho, História, Educação e Saúde UFF/Uerj/EPSJV-Fiocruz – coordenação que já contou com a colaboração de Júlio Lima (EPSJV-Fiocruz) e Lia Tiriba (UFF) e ainda conta com Eveline Algebaile (Uerj), Jacqueline Botelho (UFF) e Gregório Albuquerque (EPSJV-Fiocruz).

Quando inquirido sobre seus planos, a resposta o leva a reencontrar suas raízes: envolver-se mais com os movimentos sociais, especialmente o MST. De fato, tal militância político-teórica já redundou em alguns livros em coautoria com Roseli Caldart, um sem-número de cursos ministrados, além de reuniões, conferências e o que mais e onde mais ele pode ser útil. Aliás, falar da produção bibliográfica desse colega é um desafio à parte. O melhor, sem dúvida, é lê-la.

Gaudêncio Frigotto é um intelectual orgânico que atua na tensa relação sociedade civil e sociedade política, visando à unidade do bloco cultural e social. Por isso, enfrentou debates no âmbito do Estado estrito senso. Nas eleições presidenciais de 2002, quando ecoávamos o coro “sem medo de ser feliz” contra o alinhamento do Brasil à hegemonia internacional do neoliberalismo, tê-lo no grupo de construção do programa de governo do candidato Luiz Inácio Lula da Silva era fazer as vozes de educadores/as se projetarem como força coletiva e material. A vitória de um candidato do Partido dos Trabalhadores nos levou a prantos de alegria e abraços de confraternização. Contribuir para o projeto de um governo de corte nacional-popular era desafiador; contradição atravessada pelo compromisso ético-político da crítica e com o chamado para construir a política de educação da classe trabalhadora, especialmente na integração ensino médio e educação profissional tendo a politécnica em perspectiva.

Mais uma vez, companheiros do GT Trabalho e Educação arregimentaram, em conjunto, força teórica e política⁵. Alguns deles citei aqui; em relação a muitos outros, cometo a injustiça de não fazê-lo. Mas gostaria que se sentissem representados no nome de Gabriel Grabowski, com quem trabalhou no governo do Estado do Rio Grande do Sul, em espaços dos governos ligados ao PT e nas lutas e disputas políticas e sociais. Ele partiu precocemente neste ano. Gaudêncio Frigotto, se fosse ele a escrever aqui um pouco de sua história, certamente homenagearia seu companheiro, amigo e conterrâneo.

5 Um balanço desse processo encontra-se em Ramos (2023).

De minha parte, só me resta agradecer às circunstâncias da vida por ter sido formada por esse grande *filósofo da práxis* brasileiro e por permitir cultivar um vínculo que me faz contrair enorme dívida intelectual e moral que está longe de ser quitada com essa simples homenagem. Como bônus, acumulo a indescritível satisfação de ter compartilhado alguns dos preciosos momentos da história aqui relatada.

Referências

ClAVATTA, M. *Gaudêncio Frigotto*. Um intelectual crítico nos pequenos e nos grandes embates. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FRANÇA, J.; BARBOZA, A.; BORGES, V. (Orgs.). *Poli 40 anos: memórias e lutas do centro de referência nacional e internacional em educação profissional em saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2025.

FRIGOTTO, G. Fazendo pelas mãos a cabeça do trabalhador: o trabalho como elemento pedagógico na formação profissional. *Cadernos de Pesquisa*, n. 47, p. 38-45, nov. 1983.

FRIGOTTO, G. *A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame da relação entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. São Paulo: Cortez, 1984.

FRIGOTTO, G. *A educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1995.

FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. (2015). *Revista Trabalho Necessário*, 13(20).

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Caderno 11. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MARX, K. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

RAMOS, M. A força material do conhecimento em Trabalho e Educação nos governos ligados ao PT: contradições da disputa no Estado ampliado. *Revista Trabalho Necessário*, v.21, n. 44, p. 01-25, 2023.

SAVIANI, D. *Sobre a concepção de politecnia*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde/Fundação Oswaldo Cruz/Politécnico da Saúde, 1989.